

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

Fernanda de Mello Veeck

**AS RELAÇÕES DE PODER REPRESENTADAS NO CASAMENTO EM *A DÓCIL*,
DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI E EM *AMY FOSTER*, DE JOSEPH CONRAD**

Porto Alegre

2016

Fernanda de Mello Veeck

**AS RELAÇÕES DE PODER REPRESENTADAS NO CASAMENTO EM *A DÓCIL*,
DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI E EM *AMY FOSTER*, DE JOSEPH CONRAD.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada (a) em Letras.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cinara Ferreira Pavani

Porto Alegre

2016

A razão não me ensinou nada.

Tudo o que eu sei foi-me dado pelo coração.

Lev Tolstói

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo incansável apoio e paciência.

À minha orientadora, pela sabedoria e simplicidade.

À literatura, pela inesgotável fonte de inspiração.

Fernanda de Mello Veeck

**AS RELAÇÕES DE PODER REPRESENTADAS NO CASAMENTO EM *A DÓCIL*,
DE FIÓDOR DOSTOIÉVSKI E EM *AMY FOSTER*, DE JOSEPH CONRAD**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada (a) em Letras.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Denise Regina de Sales - UFRGS

Sergius Antonio Marsicano Gonzaga- UFRGS

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar as relações amorosas nas obras *A dócil* (1876), de Fiódor Mikhailovich Dostoiévski e *Amy Foster* (1901) de Joseph Conrad. Através de metodologia analítica interpretativa, o estudo observou as configurações das relações de poder que fizeram do casamento um espaço de dominação tanto na novela de Dostoiévski, quanto na novela de Conrad. A partir da perspectiva de Julia Kristeva, em sua obra *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), e de Pierre de Bordieu, em *A dominação masculina* (2002), foram discutidos os elementos que resultaram em opressão, depressão e morte da protagonista, na novela de Dostoiévski e do cônjuge da protagonista, na novela de Joseph Conrad. Por fim, concluiu-se que o matrimônio pode configurar-se como um espaço de opressão, independente de classe social e de gênero, sendo que o indivíduo dominante na relação será aquele que possuir o maior respaldo social, ainda que a vantagem sobre o indivíduo dominado seja mínima.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura comparada, literatura russa, literatura britânica, relações de poder.

ABSTRACT

The present work had as objective to analyze the amorous relationships in the short stories *A gentle creature* (1876), written by Fyodor Mikhailovich Dostoyevsky, and *Amy Foster* (1901) written by Joseph Conrad. Through interpretive analytical methodology, the study looked at the configurations of power relations that made marriage a space of domination in Dostoevsky's short story and in Conrad's short story. From the perspective of Julia Kristeva, in her work *Foreigners for ourselves* (1994), and Pierre de Bordieu, in *The Male Domination* (2002), the elements that resulted in oppression, depression and death of the central characters in the two constructions. Finally, it was concluded that marriage can be configured as a space of oppression, independent of social class and gender, and that the dominant individual in the relationship will be the one with the greatest social support, although the advantage over the individual dominated is minimal.

KEYWORDS: Comparative literature, Russian literature, British literature, power relations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A OPRESSÃO DE CLASSE E DE GÊNERO NA NOVELA <i>A DÓCIL</i>	13
2.1 Quem é o narrador em <i>A dócil</i> ?	13
2.2 Quem é <i>A dócil</i> ?.....	16
2.3 Os antecedentes do matrimônio	18
2.4 A convivência: o surgimento das primeiras crises	19
3 QUANDO O OPRIMIDO SE TORNA OPRESSOR: O CASO DE <i>AMY FOSTER</i>	22
3.1 A alternância de vozes narrativas em <i>Amy Foster</i>	25
3.2 O naufrágio e o destino da protagonista	26
3.3 O casamento: um choque de culturas	29
4 CONCLUSÃO	38
Referências	41

1 INTRODUÇÃO

Publicada pela primeira vez no famoso *Diário de um escritor*, a novela *A dócil* (1876), é o relato em primeira pessoa do drama de um homem de meia idade às voltas do caixão, onde o corpo de sua jovem esposa aguarda pelo sepultamento. O autor buscou inspiração para a história nas notícias frequentes de suicídio que assombravam a São Petersburgo de sua época. Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski nasceu no dia trinta de outubro do ano de 1821, na cidade de Moscou. O escritor foi o segundo dos sete filhos de Mikhail Dostoiévski e Maria Fiodorovna. A morte da mãe, devido à tuberculose, ocorrida quando o Dostoiévski tinha apenas dezesseis anos, seria o primeiro grande abalo na vida do escritor. Em 1839, a perda do pai causa uma profunda comoção no filho. As circunstâncias da morte jamais foram esclarecidas. A primeira versão seria a do assassinato de Mikhail Dostoiévski por camponeses a quem impunha condições muito duras de trabalho, porém, uma segunda versão remete ao fato de que o pai do escritor morrera de apoplexia e que os rumores sobre a morte violenta haviam sido propagados por um proprietário de terras na região que tinha interesse em adquirir as terras da família por um valor menor do que elas realmente valiam. A morte do pai teria sido especialmente traumática para Dostoiévski porque os dois jamais tiveram um bom relacionamento. Rodrigo Lacerda, em seu ensaio “Sofrer para escrever”, comenta:

“O pai, aposentado após a morte da mãe, retirara-se para uma pequena propriedade rural. De lá, mandara os filhos homens para boas escolas e sustentara seus gastos pessoais e os estudos. Logo, porém, a ruína se instalara na fazendola que administrava, que enfrentava colheitas piores a cada ano. A fome já ameaçava a ele e a todos os seus mujiques, os servos camponeses. Pelas cartas trocadas entre Dostoiévski e o pai, vê-se que ele fazia constantes demandas aos depauperados cofres paternos, às vezes devido a gastos de fato importantes, mas outras devido a seu esforço em aparentar uma situação financeira melhor perante os colegas, (LACERDA, 2010, p.40)

“É nesse contexto que, em 1839, o jovem Dostoiévski recebe a notícia de que o pai fora assassinado pelos camponeses de sua propriedade. O trauma é profundo. O nexos de “causa e efeito” novamente se montou em sua cabeça: explorando o pai, obrigara-o a explorar seus camponeses. (LACERDA, 2010, p.40)

O nexos de “causa e efeito” do qual Lacerda nos fala está presente em grande parte da obra do escritor e, em “A dócil”, como veremos mais adiante, não foi diferente. A primeira grande experiência impactante testemunhada por Dostoiévski teria sido um ato de covardia cometido em sua presença, quando o escritor estava às vésperas de ingressar na Escola de Engenharia de São Petersburgo, no ano de 1837. De acordo com Joseph Frank, um dos seus principais biógrafos, a seguinte passagem seria um evento ao qual o escritor se referia como sendo sua “primeira afronta pessoal”:

Pela janela, [os irmãos Fiódor e Mikhail] viram quando chegou, feito um furacão, um correio do governo, vestindo o imponente e rebuscado uniforme da época. O correio, um homem extraordinariamente robusto, correu até a estação para beber vodca, voltou rapidamente e pulou para dentro de uma nova tróica. Mal acabara de se instalar, levantou-se e começou a bater com os punhos na nuca do cocheiro, um jovem camponês. Os cavalos arrancaram em desordenado galope, enquanto o cocheiro os chicoteava freneticamente, e quando a diligência desapareceu ao longe só se víamos punhos do

mensageiro subindo e baixando mecanicamente, num ritmo incessante, enquanto o chicote subia e baixava na mesma cadência.

Esta cena rápida era uma espécie de símbolo, por assim dizer, de algo que tinha um nexos de causa e efeito. Cada golpe no animal nascia de cada golpe desferido no homem. (FRANK, 2010, p. 39-40)

Porém, entre todas as adversidades enfrentadas por Dostoiévski, provavelmente a que exerceu maior influência em sua obra teria sido a prisão, seguida da ameaça de fuzilamento e ser enviado para um campo de trabalhos forçados.

No ano de 1849, o escritor já havia experimentado o sucesso advindo de seu primeiro romance *Gente pobre* (1846) e publicado algumas obras como *Noites brancas* e *Nietóchka Niezvânova*, quando, sob a acusação de fazer parte do círculo do intelectual russo Mikhail Petrachévski, que fazia oposição ao então imperador Nicolau I, foi mandado à prisão, a Fortaleza de Pedro e Paulo. Após alguns meses encarcerado, o escritor recebeu sua sentença: Dostoiévski e seus companheiros foram condenados à morte.

No dia 22 de dezembro, os condenados são conduzidos à praça Semionôvskaia, onde a sentença seria executada. Eles sobem ao patíbulo, são amarrados aos postes, veem o pelotão alinhando-se a sua frente, aprontando-lhes as espingardas, e então são vendados. “Fogo” grita a voz de comando. Segue-se um silêncio aterrador. Estranhamente, os tiros não ecoam. O que se ouve são clarins, comandando a retirada do pelotão, e uma voz anunciando: “Em sua inefável clemência, Sua majestade, o czar, concede-vos a graça da vida.” Tudo não passava de uma encenação de um castigo extra...” (LACERDA, 2010, p.42)

Após este episódio, Dostoiévski foi mandado para um campo de trabalhos forçados, na cidade de Omsk, na Sibéria, onde permaneceu durante quatro anos, seguido de um período em que foi obrigado a ingressar no serviço militar. Uma experiência desta intensidade foi imprescindível na carreira do escritor. Entre os demais apenados, Dostoiévski entrou em contato com uma infinidade de situações onde a miséria humana é levada à milésima potência. Foi neste mesmo período que o escritor estreitou seus laços com a religião, pois somente lhe era permitido a leitura da bíblia. A religiosidade intensificada durante esta época malograda de sua vida o acompanhou em toda a sua obra.

Os relacionamentos afetivos não foram menos conturbados que os demais setores da vida do escritor. Em 1854, Dostoiévski conhece aquela que seria sua primeira esposa, Maria Dimíttrieva. Após a morte do marido da jovem, os dois se casam, porém, o casal jamais conhece a paz durante o período em que durou o matrimônio, que teve seu fim no ano de 1864, quando a esposa falece vítima de tuberculose. Sobre o casamento com Maria Dimíttrieva, Dostoiévski afirmou:

“Ela me amou sem limites e eu a amava também sem medida e, contudo, não fomos felizes; mas embora tenhamos sido verdadeiramente desgraçados, devido ao seu estranho caráter, receoso e morbidamente fantástico, nunca deixamos de nos querer, e quanto menos felizes nós éramos, mais apego tínhamos um ao outro.” (LACERDA, 2010, p.43)

Em 1863, tempos antes da morte da esposa, Dostoiévski conheceu Apolinária Suslova, uma jovem de apenas dezesseis anos. Ainda neste ano, os dois embarcaram em uma viagem por alguns países da Europa. O relacionamento, porém, terminou em seguida, quando o escritor voltou à Rússia, deixando Suslova na Itália. Anos mais tarde, o escritor chegou a

pedi-la em casamento, mas o pedido foi recusado pela jovem, que optou por permanecer com um outro amante.

Quanto ao seu último relacionamento, podemos dizer que foi o período em que Dostoiévski atingiu certa estabilidade emocional. No ano de 1867, o escritor casou-se pela segunda vez. Aos quarenta e cinco anos, Dostoiévski casou-se com sua estenógrafa, Anna Grigorievna, vinte e quatro anos mais jovem. Apesar das frequentes dificuldades financeiras que assolavam a família, e da perda de dois dos quatro filhos que tiveram, o casal prosperou. O matrimônio perdurou até a morte do escritor, no ano de 1881, por enfisema pulmonar.

A trajetória de Fiódor Dostoiévski foi intensamente marcada por tragédias pessoais. O escritor, que possuía uma saúde bastante frágil, teve de lidar com a epilepsia, que segundo alguns biógrafos, teria se manifestado ainda na adolescência. Uma outra enfermidade que marcou sua vida foi sequela de uma infecção na garganta que o teria acometido à época da morte de sua mãe e que transformou para sempre sua voz, que se tornou rouca e gutural. Porém de todos os males que afligiram o escritor, o mais prejudicial foi o vício do jogo.

Mas a principal “doença” do escritor era o vício do jogo, seu amor pelos cassinos da Europa, em especial os da Alemanha. Sua situação financeira, que nunca havia sido muito boa, poderia ter melhorado bastante ao longo dos anos se não fosse a capacidade de desperdiçar cada centavo que lhe caía em mãos, viesse de adiantamento de editores, de somas resultantes da penhora de seus objetos pessoais, dos bens de suas mulheres, de empréstimos de amigos, de saques do Fundo de Auxílio aos escritores etc. (LACERDA, 2010, p.44-45)

Não podemos negar que tanto as enfermidades quanto as péssimas condições financeiras do escritor foram relevantes para sua carreira, mas é indiscutível, também, que sua experiência no campo de trabalhos forçados, bem como o período em que fez parte do exército russo foram um marco definitivo em sua maneira de entender a literatura. Desta época remontam obras como *Memória da casa dos mortos* e *Humilhados e ofendidos*.

Mesmo tendo sido aclamado pelo público e pela crítica pela sua primeira obra, *Gente pobre*, Dostoiévski enfrentou um grande desprestígio a partir de sua condenação em decorrência de seu envolvimento com o círculo de Petrachévski. Somente após a publicação bem-sucedida da sequência das obras *O idiota* (1868), *O eterno marido* (1870) e *Os demônios* (1871), o escritor recuperou o prestígio alcançado logo em sua estreia.

No ano de 1881, o mesmo ano em que realizou o discurso em homenagem ao poeta Aleksandr Púchkin, após alguns dias de uma grave hemorragia pulmonar, o escritor falece. Como podemos observar, Fiódor Dostoiévski experimentou a harmonia tanto em sua vida afetiva quanto financeira durante um período muito curto de sua existência, tendo seguido, em vida, o conselho que deu a um escritor iniciante: “Para escrever bem é preciso sofrer, sofrer.” (LACERDA, 2010, p. 45)

Do improvável encontro entre um estrangeiro – único sobrevivente de um naufrágio – e uma jovem aldeã, surge a segunda história a qual iremos analisar. *Amy Foster* (1901), de Joseph Conrad, é o relato de como o preconceito e a intolerância arruinam os relacionamentos independentemente da classe social.

Józef Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski nasceu no dia três de dezembro do ano de 1857, na cidade de Berdichev, na Ucrânia dominada pela Rússia czarista. Seus pais eram nacionalistas poloneses e, em decorrência de suas atividades políticas contrárias ao domínio russo, foram mandados para a província de Vologda, ao norte da Rússia. Joseph, então com quatro anos, os acompanhou no exílio. A mãe de Joseph faleceu logo em seguida à chegada

ao exílio, e seu pai, quando Joseph tinha apenas onze anos. Joseph ficou aos cuidados de seu tio por parte de mãe Thaddeus Bobrowski. Apesar dos apelos do tio para que o sobrinho seguisse carreira universitária, Conrad, aos dezesseis anos viajou à Marselha, na França, para realizar seu maior desejo, viver em alto mar. Em 1878, Conrad embarcou como aprendiz em um navio britânico.

Conrad permaneceu durante os vinte anos seguintes na marinha britânica, onde teve oportunidade de conhecer países na África, América, Europa e Ásia. Foi deste período que o escritor retirou as experiências que o acompanharam durante toda a sua obra.

No ano de 1886, o escritor tornou-se cidadão britânico e em 1894, aposentou-se da marinha, onde havia conseguido o almejado título de capitão-de-longo-curso, para dedicar-se à escrita em tempo integral. No ano de 1895, Conrad publicou seu primeiro livro *A loucura de Almayer*, que foi bem recebido pela crítica, mas não atingiu o sucesso junto ao público. Neste mesmo ano, Conrad casou-se com Jessie George.

Apesar de não ter recebido o devido reconhecimento de sua obra durante aproximadamente quinze anos após o lançamento de seu primeiro livro, atualmente Conrad é considerado um dos maiores escritores de língua inglesa – que ele aprendeu já adulto. Toda a obra de Joseph Conrad é marcada pela temática do conflito do homem contra o próprio homem. Em romances como *O coração das trevas* (1902), o autor expõe a natureza humana levada aos extremos, onde o ser humano é destituído da própria humanidade. Outra característica marcante de suas obras é a aventura, influência do período em que fez parte da marinha britânica. É através do choque de culturas, como veremos a seguir em *Amy Foster* (1901), que Joseph Conrad propõe uma profunda reflexão sobre a relação entre o indivíduo e a humanidade, bem como entre a civilização e a barbárie. O escritor André Gide, em seu ensaio “Joseph Conrad: a plenitude da ficção” afirma que Conrad se recusava a falar sobre o período em que integrou a marinha, guardando suas histórias de navegador somente para as páginas das obras que escrevia.

As recordações de sua vida de navegante só apareciam para ele como material de trabalho. Sua arte obrigava-o a utilizá-las e torná-las impessoais. Não era nenhuma surpresa que Conrad fosse lento e inábil no relato direto, e só na ficção se sentisse seguro. O mar era para ele uma antiga amante abandonada, da qual somente uma gravura, a imagem de um soberbo veleiro na antessala da Capel House, evocava uma recordação nostálgica. (GIDE, 2007, p.9)

Tanto em *A dócil*, quanto em *Amy Foster*, encontramos exemplos do quanto as relações afetivas podem servir de cenário para o processo de opressão do indivíduo. Em vez do esperado final feliz, o matrimônio se constitui em um espaço de competição entre os cônjuges, ou ainda, como veremos a seguir, em um duelo em que o opressor sai vitorioso. Em *A dócil*, a opressão se dá de maneira consciente por parte do narrador, mesmo nos momentos em que ele tenta se redimir diante do leitor, justificando suas atitudes, incluindo as mais torpes, afirmando ter um propósito maior. Em *Amy Foster*, a opressão acontece de maneira inconsciente, e a protagonista, que também dá nome à obra, apenas reproduz um padrão de discriminação sofrido por ela. Sendo assim, temos nestas duas novelas indivíduos que se unem em busca de completude, mas que acabam por se destruir.

2 A OPRESSÃO DE CLASSE E DE GÊNERO NA NOVELA *A DÓCIL*

... pois enquanto ela ainda está aqui – tudo bem: me aproximo e olho a cada instante; só que amanhã vão levar embora e – como é que vou ficar sozinho? Ela agora está na sala sobre a mesa, juntaram duas mesas de jogo, e o caixão vai ser amanhã, branco... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.19)

Logo no início da narrativa, temos a impressão de que *A dócil* se trata da confissão de um viúvo atormentado pela culpa após o suicídio da esposa ocorrido ao final de uma série de eventos malogrados durante o período em que estiveram casados. Porém, à medida que a novela avança, podemos perceber que, por trás da aparente expiação, existe um narrador dissimulado, que a cada parágrafo tenta transferir a responsabilidade exclusivamente à esposa. De acordo com James Wood, em sua obra *Como funciona a ficção* (2012):

A narração inconfiavelmente não confiável é muito rara – quase tão rara quanto um personagem de fato misterioso, genuinamente insondável. O narrador anônimo de *Fome* de Knut Hamsun, é por demais não confiável e, no fim, incognoscível (o fato de ser louco ajuda); o modelo de Hamsun é o narrador subterrâneo de Dostoiévski em *Memórias de Subsolo*. Zeno Cosini, de Italo Svevo, talvez seja o melhor exemplo de narração realmente não confiável. Ele imagina que, contando sua história de vida, está fazendo uma autoanálise (prometera ao analista que faria isso). Mas seu autoconhecimento, brandindo com toda confiança diante de nossos olhos, é tão ridiculamente cheio de furos quanto uma bandeira alvejada por tiros. (WOOD, 2012, p. 19)

A metáfora evocada por Wood se encaixa perfeitamente ao narrador de *A dócil* pois, temos um viúvo que, apesar de chorar a morte da esposa, constantemente apresenta um discurso que, em diversos momentos, recai sobre o envilecimento da jovem e na autovalorização.

O narrador, um homem por volta dos quarenta anos, encontrara no casamento com uma órfã ainda adolescente, a possibilidade de exercer total controle sobre a mulher. É importante ressaltar que o marido fracassara no passado, na época em que fazia parte do exército russo, tendo sido humilhado pelos colegas de farda antes de decidir tornar-se dono de um estabelecimento, uma casa de penhores, onde, mais tarde, conheceu a futura esposa.

Durante todo o período em que os dois estiveram casados, o marido buscava sempre colocar a esposa numa situação de inferioridade, baseada na precária condição financeira da jovem. Então, o marido admite que viveu um jogo cruel que culminou com o desequilíbrio mental da esposa e com sua morte prematura.

2.1 Quem é o narrador em *A dócil*?

O fato é que eu não paro de andar, andar, andar.... Eis como isso aconteceu. Vou simplesmente contar na ordem (ordem!). Senhores, estou longe de ser um literato, e os senhores podem ver isso, mas não importa, vou contar assim como eu mesmo entendo. É aí que está todo o meu horror, eu entendo tudo! (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 19)

O excerto acima, que pertence ao primeiro parágrafo do primeiro capítulo “Quem era eu e quem era ela” nos mostra um narrador cujo discurso nos dá impressão de ser a fala de um homem confuso, através de uma linguagem bastante informal. A linguagem seguirá desta maneira durante toda a narrativa, repleta de repetições, reticências e exclamações, o que remete à fala de alguém que relata um fato exatamente como ele ocorreu, sem nenhuma preocupação com o estilo.

O narrador-protagonista inicia seu relato enquanto aguarda o sepultamento da jovem esposa, morta seis horas antes. A partir da morte, ele rememora os momentos mais marcantes do relacionamento.

Logo no segundo parágrafo, o viúvo relembra o início do seu romance, em que ele, dono de uma casa de penhores conheceu uma jovem em situação de extrema pobreza, quando a jovem levava até o seu estabelecimento os poucos pertences que havia herdado de seus falecidos pais, com o objetivo de penhorá-los para poder pagar o jornal em que anunciava sua disponibilidade para trabalhar como professora ou preceptora em casa de família.

Apesar da situação de extrema vulnerabilidade econômica e social, o narrador não sente pela jovem nenhum tipo de empatia, tampouco se comove com sua condição, pelo contrário, até nos momentos quando relembra dos objetos que a moça lhe entregou, ele utiliza adjetivos como “chinfrim”, sendo que desta maneira ele se refere diversas vezes aos pertences da moça. Outro aspecto importante a ser considerado é que, a partir do momento em que ele percebe que a jovem que é bastante retraída se constrange com alguma observação, o narrador se diverte e insiste no assunto, como no excerto abaixo:

“Veja que só faço isso para a senhora, um objeto assim Moser não aceitaria.” As palavras: para a senhora, sublinhei-as de modo particular, e mais precisamente *num certo sentido*. Fui mau. Ela enrubescou de novo ao ouvir esse *para a senhora*, mas calou-se, não largou o dinheiro, aceitou-o. – o que não é a pobreza! E como enrubescou! Vi que lhe tinha dado uma alfinetada. E, quando ela já tinha saído, de repente me perguntei: será então que essa vitória sobre ela vale dois rublos? (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 22)

De maneira igualmente importante, temos que observar no excerto acima, que o narrador cita pela primeira vez “sua vitória sobre ela”. Esse caráter de disputa que ele estabelece logo nos primeiros encontros com a jovem perdurará até a morte da moça. É sempre a sua vontade de homem, mais velho e mais seguro financeiramente que prevalecerá. Até mesmo no momento em que está prestes a enterrar a esposa, ele comenta:

Cega, cega! Está morta, não ouve! Você não sabe com que paraíso eu teria te cercado. O paraíso estava na minha alma, eu o teria plantado em volta de você! Bem, você não me amaria – e daí, o que importa? Tudo seria *assim*, tudo ficaria *assim*. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 86)

O excerto acima se refere ao momento em que, inconformado, ele passa a imaginar o destino que os dois teriam se a morte não tivesse interrompido o seu casamento. Mesmo diante do cadáver, ele desconsidera a vontade da mulher quando afirma não se importar se ela não o amasse. Este pensamento egoísta é apenas um reflexo de todas as suas ações nesse mesmo sentido.

Durante toda a narrativa, o marido não mede esforços para destituir a esposa de sua vontade, e ao final na vida da jovem não seria diferente, porém, nem sempre o narrador mostrou-se autoritário e hostil. Logo que percebeu seu interesse pela moça, ele lançou mão de uma cordialidade e até mesmo de certa erudição para impressioná-la:

Eu já pressentia que ela estava por vir. Quando ela chegou, entabulei uma conversa amável, com uma cortesia fora do comum. Pois recebi uma educação digna e tenho maneiras. Hum. Foi aí que adivinhei que ela era boa e dócil. Os bons e dóceis não resistem por muito tempo, e, embora nunca sejam de se abrir muito, não sabem de jeito nenhum esquivar-se da conversa: respondem com parcimônia, mas respondem, e quanto mais longe se vai, melhor, apenas não se deixam cansar, se convém aos senhores. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 22-23)

À medida em que ganha a confiança da jovem, que passa a enxergá-lo como um amigo, ele conhece e testemunha seu desespero em busca de um emprego. A moça chega ao ponto de publicar um anúncio em que se oferece para trabalhar sem salário, apenas pela alimentação. Tendo acesso a informações sobre as péssimas condições de vida da jovem, que incluíam privação de alimentos e maus tratos, não foi muito difícil para o narrador aproximar-se da moça. O dono da casa de penhores foi escolhido rapidamente após o surgimento de uma outra alternativa: uma proposta de casamento feita pelo dono de uma mercearia, um homem com mais de cinquenta anos que, de acordo com as palavras do narrador, era uma figura repugnante.

Além da cordialidade foi usada para aproximar-se da moça, o narrador chegou a permitir que ela entregasse em seu estabelecimento objetos que ele não aceitaria de outros clientes para que ela passasse a frequentar mais o local.

Em uma dessas visitas, a jovem o questiona se ele se vingará da sociedade sendo um usurário, após o mesmo ter dito a ela que a compreendia pois já havia passado por muitas dificuldades financeiras. Em resposta ele afirma: “– Eu – eu sou uma parte daquela parte do todo que quer fazer o mal, mas cria o bem...”. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 25). Essa frase, de acordo com o tradutor Vadim Nikitin, seria uma citação imprecisa de uma passagem de *Fausto* de Johann Wolfgang Goethe, mais precisamente, de uma fala de Mefistófeles.

Podemos entender que o narrador de *A dócil* seria Mefistófeles para a jovem. Porém, sem lhe prometer a sabedoria ou a juventude eterna. A dócil, muito menos pretenciosa do que o doutor Fausto, foi seduzida pela promessa de uma vida digna. A aliança da jovem com o

diabo deu-se através do matrimônio e, em vez de entregar sua alma, a jovem assistiu a perda da própria saúde mental.

– A juventude! Foi justamente isso o que pensei então sobre ela com orgulho e alegria, porque aí é que estava a generosidade: quer dizer, mesmo à beira da ruína, as grandes palavras de Goethe resplandecem. A juventude, ainda que só uma gotinha e ainda que pelo caminho torto, sempre é generosa. Ou seja, é sobre ela que estou falando, sobre ela apenas. E o principal é que eu então a olhava como sendo *minha* e não duvidava do meu poder. Sabem, quando já não se tem dúvidas, é voluptuoso esse pensamento. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p. 26 – 27)

Em seu estudo *Como se vendia a alma ao diabo*, Édouard Brasey discorre sobre a maneira como se dá a relação entre o demônio e os que se associam a ele:

Em troca de tais benefícios, [o diabo] mandava o novo vassalo assinar um pacto redigido em um pergaminho virgem e assinado com o próprio sangue, antes de lhe imprimir sua marca em algum lugar no corpo. Esta era facilmente reconhecível pela forma que sugeria: lebre, pata de sapo, gato preto ou cão. Indelével, só podia ser apagada pelo próprio demônio. Era justamente essa “marca do Diabo”, tido por insensível, que os inquisidores se empenhavam em procurar no corpo dos supostos bruxos. Além do mais, histórias de personagens que entregaram sua alma ao diabo, em troca de algo, eram uma constante em tempos anteriores ao período no qual viveu o suposto verdadeiro Fausto: “Desde a mais remota antiguidade e ao correr da Idade-Média não faltaram exemplos que tivessem entregado ao demo ou que lhe tivessem prometido a alma em troca de benefícios neste mundo: de poder, de riqueza, etc.” (CABRAL, s.d., p. 11).

2.2 Quem é A dócil?

Logo no início do segundo capítulo da novela, “Pedido de casamento”, o narrador revela detalhes da investigação que realizou antes de fazer o pedido de casamento à jovem cliente. “Os “podres” que descobri sobre ela, explico-os numa palavra: o pai e a mãe tinham morrido, já fazia tempo, três anos antes, e ela ficou em casa de umas tias desregradas”. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p.29). O adjetivo substantivado “podres”, o qual o narrador utiliza para se referir às descobertas negativas sobre a moça, está situado entre parênteses para mostrar que a palavra não está sendo usada com o real sentido, ou seja, ele sabe que a jovem não possui nenhum antecedente que possa denegrir sua imagem, porém, como acontece quando ele se refere aos objetos que a moça lhe entrega, utilizando o adjetivo “chinfrim”, não é uma escolha ao acaso. O narrador opta por essas palavras com o intuito de inferiorizar a mulher, processo que tem início antes do casamento e que termina somente com a sua morte. O tom de superioridade acompanha o narrador durante toda a novela, dos encontros na casa de penhores, quando ele aproveitava todas as oportunidades para constranger a jovem. Após a morte da esposa, ele afirma que, se ela ainda estivesse viva, eles iriam reconstruir suas vidas

em algum lugar da Criméia e que ele disponibilizaria a ela um paraíso, conforme vimos anteriormente.

O paraíso ao qual o narrador se refere seria o amor que ele ofereceria à esposa, como não procedeu enquanto ela ainda estava viva. Quando ele afirma não se importar se a jovem não retribuísse o seu sentimento e que tudo continuaria “assim”, tendo destacado a palavra assim, ele deixa bem claro que a vontade da jovem não seria levada em consideração.

Órfã, com pouco mais de dezesseis anos, a moça encontrou no casamento uma oportunidade de livrar-se da opressão das tias, mas somente após a primeira alternativa, o anúncio no jornal da cidade em que oferecia-se para trabalhar como professora ou preceptora, não ter sido bem-sucedida. No excerto abaixo, temos um exemplo das péssimas condições em que a “dócil” vivia na casa das tias:

Fazia três anos que estava com as tias em regime de servidão (...). Dava aulas para os filhos das tias, costurava a roupa, e no final não só lavava a roupa, mas também, com aqueles seus pulmões, lavava o chão. Sem mais nem menos até batiam nela, jogavam-lhe na cara o pão de cada dia. Acabaram fazendo planos de vendê-la. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p.29-30)

A realidade difícil da moça foi observada de perto pelo dono da casa de penhores, que tão logo soube que as tias estavam negociando com um outro homem o casamento da sobrinha, tratou de aproximar-se da jovem e lhe propor matrimônio. O outro pretendente da órfã era um viúvo de cinquenta anos, dono de uma mercearia, dizia-se bem-intencionado, pois casaria por causa dos filhos pequenos que haviam perdido a mãe e optava pela moça por saber que ela era “boazinha (...) cresceu na pobreza” (DOSTOIÉVSKI, 2015, p.29-30)

O narrador estava certo de que representava, para a moça, a melhor alternativa para que ela pudesse libertar-se da opressão das tias, bem como evitar um casamento iminente com um homem que era extremamente desagradável para a ela. “Além do mais, eu então já não tinha medo de nada: pois sabia que o merceiro gordo de qualquer modo era para ela mais asqueroso que eu, e que eu, ali no portão, surgia como um libertador”. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p.31)

As péssimas condições de vida da jovem, que incluíam maus tratos e agressão física, sob o ponto de vista do narrador, se constituíam depreciativos para a jovem, como se ela fosse a responsável por estar naquela situação, um pensamento muito conveniente a ele, pois, diante da desvalorização da noiva, o noivo passaria a ser visto como um benfeitor, um ser humano superior, capaz relevar a baixaza, ou melhor os “podres” da vida de futura esposa. Esta visão de autovalorização do narrador se confirma no excerto abaixo.

Não consegui dormir. Pudera, com uma espécie de pulso me martelando na cabeça. Queria apreender tudo isso, toda essa lama! Ah, de que lama eu a arranquei então! Pois ela tinha que entender isso, reconhecer o valor do meu ato. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p.35)

Um outro aspecto que não podemos deixar de considerar é a grande diferença de idade entre o narrador e a dócil: “Agradavam-me também vários pensamentos, por exemplo, o de

que eu tinha quarenta e um e ela mal fizera dezesseis. Isso me cativava, essa sensação de desigualdade, era muito doce isso, muito doce”. (DOSTOIÉVSKI, 2015, p.35)

Essa sensação doce a qual o narrador se refere, provocada pela diferença de idade, é constituída pela certeza que o homem possui de ter encontrado alguém que, por ter menos experiência de vida, no caso uma moça ainda na adolescência, é mais passível a sua dominação. Ele tinha consciência de que, se a sua noiva fosse uma mulher mais velha e não uma menina que passara os últimos anos recebendo ordens de parentes mais velhos, não seria tão fácil para ele convencê-la de que todas as decisões tomadas sobre as despesas do lar, da casa de penhores, até mesmo sobre o direito ou não ao lazer e à diversão, deveriam ser tomadas apenas por ele. E não apenas o direito de opinar sobre as finanças do casal pertenciam exclusivamente ao homem. À esposa também era negado o direito de ir e vir: “O fato é que ela não tinha o direito de sair do apartamento. Sem mim não se vai a lugar nenhum, esse havia sido o acordo ainda quando ela era noiva. Ao anoitecer ela voltou; e eu, nenhuma palavra”. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.48)

Entre outros, esse era um dos acordos aos quais a jovem foi submetida antes do casamento. Em sua obra, *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu discorre a respeito da diferença de idade entre os casais. De acordo com o autor, a forma mais aceita desta discrepância é aquela em que o casal é formado por um homem mais velho e por uma mulher mais jovem. Observa-se mesmo entre as mulheres a preferência por este tipo de relacionamento.

Constatou-se, por exemplo, que as mulheres francesas, em sua grande maioria, declaram que elas desejariam ter um cônjuge mais velho e, também, de modo inteiramente coerente, mais alto do que elas, dois terços delas chegando a recusar explicitamente um homem menor. (BORDIEU, 1998, p.24)

(...) basta notar que as mulheres que se mostram mais submissas ao modelo “tradicional” – e que dizem preferir uma maior diferença de idade – encontram-se sobretudo as artesãs, as comerciantes, as camponesas e as operárias, categorias nas quais o casamento continua sendo, para as mulheres, o meio privilegiado de obter uma posição social. (BORDIEU, 1998, p.25)

É numa lógica da economia de trocas simbólicas – e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos e, destinados a contribuir assim para a reprodução do capital simbólico dos homens –, que reside a explicação do primado concedido à masculinidade nas taxonomias culturais. (BORDIEU, 1998, p.31)

Sendo assim, somando-se à grande diferença de idade, a questão financeira e o estigma social, tem-se a equação bastante desigual que forma o casal de protagonistas da novela.

2.3 Os antecedentes do matrimônio

Se por um lado, a miséria e o desamparo estão entranhados no passado da noiva, a vida pregressa do noivo não é diferente. Logo no início da narrativa, as dificuldades financeiras da jovem ficam bem claras, porém a revelação das dificuldades enfrentadas pelo narrador só acontece gradativamente, apenas no quinto capítulo ele nos conta os eventos que antecederam a compra da casa de penhores.

No capítulo quinto, “A dócil se revolta, ” vem à tona o segredo que o narrador esconde da esposa, mas não por vergonha ou por acreditar que o fato denigre sua imagem, mas por desejar que a moça o descubra sozinha.

O mistério oculto pelo narrador durante uma boa parte da narrativa seria um momento de sua vida, mais precisamente de sua juventude, em que fora ofendido gravemente por alguns colegas de farda.

O narrador que fora testemunha única de uma desavença entre dois superiores no restaurante do regimento, foi acusado de não ter impedido a o conflito. Por ter sido imparcial, alguns membros do exército afirmaram que ele não se esforçara para evitar que um soldado insultasse um dos oficiais. Alguns companheiros exigiram que ele desafiasse o soldado que iniciou a briga a um duelo, porém, o narrador recusou o pedido, sendo assim, pesou sobre ele o estigma da covardia que o obrigou a pedir baixa do exército. De acordo com Pierre Bordieu, os homens estariam sempre à mercê da necessidade de provar sua masculinidade. “A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança) é, acima de tudo, uma carga. (BORDIEU, 1998, p.32). Bordieu comenta também que os homens acabam sendo vítimas do “privilégio masculino”, pois embora acreditem no poder da sua virilidade, eles são obrigados a afirmá-la continuamente, como podemos ver no excerto a seguir:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. (BORDIEU, 1998, p.32)

O evento que culminou com a saída do exército foi especialmente traumático para o narrador, pois, além da humilhação diante dos companheiros, que mesmo depois de muitos anos ainda o lembravam do ocorrido, como veremos mais adiante, foi o início de uma série de dificuldades financeiras que o deixaram à margem da sociedade:

– É verdade que depois disso o senhor ficou três anos mendigando tostões como um vagabundo pelas ruas de Petersburgo e passando a noite debaixo das mesas de bilhar?

– Eu cheguei a passar a noite na Siénnaia, na casa Viáziemskii. Sim é verdade; mais tarde, depois do regimento houve na minha vida muita vergonha e muita degradação, mas não degradação moral, porque mesmo naquele tempo eu era o primeiro a detestar os meus atos, Era apenas a

degradação da minha vontade e da minha inteligência, e foi provocada apenas pelo desespero da minha situação. Mas isso passou... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 50-51)

O diálogo acima se refere ao momento em que a esposa descobre o mistério oculto pelo narrador, sob o véu da severidade. Podemos perceber no discurso do narrador que mesmo ao confessar algo que o envergonha, ele mantém o tom de superioridade, pois ele afirma não ter sido moralmente degradado, mas, sim, uma vítima das circunstâncias, como não aconteceu nos momentos quando o narrador relatava os “podres” da família da esposa. E mais, a este incidente o narrador irá atribuir, como veremos mais adiante, todos os fatos que culminaram com a morte trágica da esposa.

2.4 A convivência: o surgimento das primeiras crises

– Dezesseis anos, a flor da juventude – o que é que ela poderia entender das minhas justificativas, dos meus sofrimentos? Nela estavam a retidão, a ignorância da vida, as convicções baratas da juventude, a cegueira de galinha dos “corações de ouro”... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 50-51)

No excerto acima, encontramos um exemplo de como o narrador atribui à mulher uma incapacidade de compreendê-lo em sua complexidade de sentimentos, principalmente pelo fato de que a companheira era alguém muito mais jovem do que ele. Realmente não é difícil imaginarmos, de acordo com todos os elementos que observamos anteriormente, que não tardariam a iniciar os conflitos entre o casal.

Em primeiro lugar, antes mesmo de oficializarem o casamento, o narrador comenta sobre as condições que impôs à esposa, com a autoridade de que sua posição de autointitulado “libertador.” As exigências que no início limitavam-se ao controle de gastos “vestidos, teatros, bailes – não haveria nada disso”... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 32) evoluíram para um total controle sobre a esposa: “O fato é que ela não tinha o direito de sair do apartamento. Sem mim não se vai a lugar nenhum” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 48). De acordo com Bourdieu, o dominado não oferece efetiva resistência quando à opressão do dominante, que naturaliza a opressão:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensa-lo e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural. (BORDIEU, 1998, p.23)

Porém, não foi somente a privação da liberdade o recurso utilizado pelo narrador para manter o controle sobre a relação, e, principalmente sobre a esposa. Logo no início da novela, o narrador afirma explicitamente que desejava manter a severidade no casamento: “Em

primeiro lugar a severidade – foi debaixo de severidade que a trouxe para a casa”. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36)

Não estamos falando de agressão física, mas de um tratamento diferenciado à esposa, ou seja, o objetivo do marido era manter um afastamento da mulher, que em princípio, tentava aproximar-se do marido, embora não tardasse a perceber que todos os seus esforços para destruir as barreiras que os distanciavam eram em vão. Eu via que ela ainda estava morta de medo, mas não abrandei nada, e, como se não bastasse, vendo que ela estava com medo, endureci de propósito... (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 31-32). O narrador por fim confessa: Esse tom severo decididamente me encantava. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 32)

No excerto abaixo temos uma confissão do narrador, que não esconde que fez oposição às demonstrações de afeto, bem como às tentativas de aproximação efetuadas pela esposa.

O principal é que, desde o começo, por mais que se contivesse, ela se lançava a mim com amor, me acolhia, quando eu chegava ao anoitecer, cheia de enlevo, me contava com o seu ciciar (o deslumbrante ciciar da inocência) toda a sua infância, a sua meninice, sobre a casa dos pais, sobre o pai e a mãe. Mas em todo esse arrebatamento dei logo de uma vez um banho de água fria. (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 36)

O silêncio estratégico do narrador, porém, transformou-se gradativamente em uma guerra entre o casal. O marido atribui constantemente à mulher uma atitude de zombaria diante de seus problemas. O homem a acusa de condená-lo devido à natureza de seu trabalho, o que fazia com que ele se sentisse desprezado pela jovem.

A primeira grande briga entre o casal ocorreu após a esposa, certo dia em que o marido se ausentara da casa de penhores, ter tomado a iniciativa de aceitar os pertences de uma viúva, e oferecer-lhe um valor maior do que ele teria estipulado. Era para ele inaceitável que a esposa tivesse qualquer tipo de autonomia no relacionamento, mas, principalmente quando esta autonomia se referisse às finanças do casal. Foi a primeira vez que a esposa teria apresentado um comportamento que, segundo as palavras do narrador, era histérico.

No capítulo seguinte à menção desta primeira briga, intitulado “Uma recordação terrível”, temos uma ruptura definitiva, uma cisão afastará os personagens até o final da narrativa. Trata-se de um duelo inconsciente do casal, o momento em que a o narrador percebe-se sob a mira do revólver que a esposa carrega.

O narrador encontra nesse momento a oportunidade de reabilitar-se consigo mesmo ao suportar o cano do revólver em uma de suas têmporas sem reagir. Este incidente o fez recordar o duelo recusado nos tempos do exército. A vulnerabilidade da oponente em comparação aos antigos companheiros do regimento não foi empecilho para que ele tivesse sua revanche.

O capítulo termina com o narrador informando que, a partir daquele momento, o casal passaria a dormir em quartos separados, e que a esposa já apresentava um aspecto doentio que a acompanharia pelas próximas seis semanas às quais ela passaria acamada.

1 QUANDO O OPRIMIDO SE TORNA OPRESSOR: O CASO DE AMY FOSTER

Amy Foster, personagem-título da obra é uma jovem discriminada em sua cidade por sua origem: ela é filha de um fazendeiro que fora deserdado após envolver-se afetivamente com uma empregada da fazenda de seu pai, tendo-a engravidado. O estigma de seu nascimento perseguirá a personagem por toda a vida. Seus próprios pais atribuem a ela a responsabilidade pela situação econômica e social em que se encontram. Como uma espécie de punição para a filha, os pais a empregam numa outra fazenda da região, da qual ela sai apenas uma vez por semana, quando retorna à própria casa, onde ajuda a mãe com as tarefas domésticas, para, em seguida retornar ao trabalho e dar início à nova jornada. Essa foi a rotina de Amy Foster dos quinze anos aos dezenove, momento em que sua vida se transforma com o naufrágio que ocorre próximo à localidade em que trabalha, na cidade inglesa de Colebrook. É como se a jovem além de se envergonhar de sua origem, assumisse a responsabilidade que lhe foi atribuída, desde antes do nascimento, pela ruína da família:

Nunca demonstrou querer uma conversa, e parecia-me, não sabia sorrir. Algumas vezes, numa bonita tarde de domingo, ela usava o seu melhor vestido, um par de botinas robustas, um grande chapéu cinza enfeitado com uma pena preta (eu a vi em toda essa elegância), agarrava uma sombrinha absurdamente exígua, subia dois degraus, caminhava a passos pesados por dois campos e duzentos metros da estrada – nunca mais longe. Ali ficava o chalé dos Fosters. Ela ajudava a mãe a servir chá para os irmãos menores, lavava a louça de barro, beijava os pequeninos e voltava para a fazenda. Era tudo. Todo o descanso, toda a mudança, todo o divertimento. Ela nunca pareceu desejar nada mais. (CONRAD, 2007, p.19-20)

Como percebemos no excerto acima, além da responsabilidade do trabalho, no qual ingressara desde os quinze anos, Amy não tinha nenhuma forma de lazer ou de interação com

os demais moradores da sua cidade. Sua rotina se resumia em servir, durante a semana aos patrões, e aos domingos à família. Em nenhum momento da obra é mencionado qualquer demonstração de afeto por parte de sua família, tampouco algum vínculo de amizade, seja com moradores de sua cidade, ou com os companheiros de trabalho na propriedade da família Smith.

A protagonista da novela de Joseph Conrad é descrita como uma jovem sem grandes atrativos. Além de não ser considerada bonita – Amy apresentava características semelhantes aos demais moradores da aldeia, de acordo com Dr. Kennedy e com seu acompanhante – a jovem tinha um comportamento bastante retraído: “A única peculiaridade que percebi nela foi uma ligeira hesitação na fala; uma espécie de gagueira preliminar que passa depois da primeira palavra”. CONRAD, 2007, P.18). Abaixo temos alguns aspectos de suas características físicas e psicológicas.

Há rostos que nos chamam a atenção por uma curiosa falta de definição em seu aspecto total, assim como, caminhando em uma névoa, perscrutamos um vulto que, afinal de contas, pode não ser nem um pouco mais curioso ou estranho do que um poste de sinalização. (CONRAD, 2007, p.18)

Tive tempo de ver-lhe o rosto sem graça, rosado, não com um corado uniforme, mas como se suas faces achatadas tivessem sido esbofeteadas vigorosamente, e de observar-lhe a figura atarracada, os cabelos castanhos, apertados e poeirentos, presos atrás num nó firme. Ela parecia muito jovem. Tinha uma voz baixa e tímida, e falava com visível falta de ânimo. CONRAD, 2007, p.16)

Além da escassez de informações sobre a personagem, como características físicas e psicológicas, poucos fatos de sua vida pregressa são revelados ao longo da narrativa. Talvez a informação mais relevante sobre a protagonista da narrativa de Conrad tenha sido o momento em que Amy, durante uma tarde de trabalho na fazenda dos Smith, tenha omitido socorro a um papagaio que havia sido atacado por um gato. A jovem trancou-se na cozinha aterrorizada com os gritos da ave, que se assemelharam à voz humana naquele momento. Amy, que era constantemente vista cuidando dos animais da fazenda, e que dedicava especial atenção ao papagaio, não teve coragem suficiente para impedir a sua morte. Essa passagem, que passa quase despercebida logo que a personagem é apresentada, é fundamental para pensarmos em seu futuro e na negligência com relação ao marido, como veremos mais adiante.

James Wood, em seu estudo *Como funciona a ficção* (2012), comenta que Joseph Conrad era bastante inseguro quanto à capacidade de um personagem convencer o leitor. Devido a este fato, muitos de seus romances possuem um elevado número de páginas, pois o autor estenderia suas obras por não ter certeza de que os personagens apresentavam elementos suficientes para expressarem vivacidade. Wood cita a obra *Joseph Conrad: a personal remembrance*, de Ford Madox, em que o autor revela o medo de Conrad de não conseguir “engatar” um personagem. De acordo com Wood:

Ford e Conrad adoravam uma frase do conto “La Reine Hortense”, de Maupassant: “Era um cavalheiro de suíças ruivas que passava pela porta

sempre na frente dos outros. ” Ford comenta: “Esse cavalheiro está tão bem engatado que não precisamos de mais nada a respeito dele para entender como vai agir. Ele “engatou” e já pode entrar em ação. ” (WOOD, 2012, p.88)

Parece que a preocupação de Conrad surtiu o efeito desejado, pois, apesar de não termos uma grande quantidade de elementos sobre a personagem, em frases como “Eu me pergunto se ele viu o quando ela era sem graça” (CONRAD, 2012, p.52) ditas por Dr. Kennedy, temos uma ideia que consegue, ao mesmo tempo, ser muito vaga e precisa sobre a personagem. Ou seja, na economia de detalhes o autor ganha em profundidade, tanto em seus personagens quanto na narrativa.

No filme “Swept from the sea” (1997), inspirado na novela de Conrad, traduzido no Brasil como “Trazido pelo mar”, a protagonista, interpretada pela atriz britânica Rachel Weisz, é quem sofre a maior alteração. Na adaptação cinematográfica, é atribuída à Amy Foster uma conexão com a natureza, especialmente com o elemento água. Há uma cena, que não consta na novela, em que a personagem observa com satisfação uma grande tempestade que quase destrói sua aldeia – a mesma tempestade que provoca o naufrágio que trará à costa o seu futuro marido – Um outro personagem a acusa de feitiçaria, por estranhar a expressão alegre em seu rosto. A jovem aparece constantemente passeando à beira da praia, de onde recolhe conchas, pedaços de corais e destroços de navios que naufragaram na região. Amy guarda todos os objetos encontrados em uma gruta próxima ao mar, a qual ela chama de lar, e onde se refugia quando quer se abrigar dos olhares impiedosos de seus conterrâneos. Em seu livro *As fadas no divã*, a partir de uma abordagem psicanalítica da literatura, Diana e Mario Corso comentam sobre a associação que há entre o elemento água e entidades mitológicas femininas.

No folclore europeu, como em tantos outros, as águas podem ser reinos de seres mágicos. De uma forma geral, águas calmas, como as de lagos, represas e fontes, costumam ser habitados por seres femininos, enquanto nas águas agitadas, como as de rios e corredeiras, se encontram seres masculinos. Ambos são sedutores, mas as criaturas mágicas femininas – sereias ou ondinas – têm na sedução sua principal característica: costumam encantar jovens homens que se perdem nas águas para nunca mais serem vistos. (CORSO, 2006, p.71)

Em “Trazido pelo mar”, a protagonista passa por uma sutil *transformação*, que não chega a mudar completamente as características físicas e psicológicas da personagem, porém dão a ela *status* de entidade aquática feminina.

De acordo com João Batista de Britto, em seu livro *Cinema e Literatura* (2006) a transformação é uma operação que auxilia na transposição do texto para a tela do cinema. Obviamente, alguns recursos textuais são perdidos na adaptação cinematográfica, por se tratarem de dois tipos de mídia muito diferentes. A transformação pode se dar de duas maneiras, a primeira chamada simplificação e a segunda de ampliação, sendo a primeira o ato de diminuir um elemento do livro e a segunda o de aumentar. (BRITTO, 2006, p.15)

No caso de Amy Foster, podemos concluir que a personagem passou pelo processo de *transformação* para que possa melhor cumprir sua função, visto que as entidades aquáticas são seres que seduzem e destroem aqueles que se deixam levar pelo seu mistério. Yanko, como veremos mais adiante, não irá resistir ao canto da sereia de Amy Foster. O restante do filme se assemelha bastante à novela que deu origem a ele, porém, na produção cinematográfica não há o narrador companheiro do Dr. Kennedy. A história de Amy é acompanhada apenas pelo médico.

3.1 A alternância de vozes narrativas em Amy Foster

Quando James Wood afirma “A casa da ficção tem muitas portas, mas só duas ou três janelas.” (2012, p. 17), ele se refere ao fato de que a grande maioria das obras são narradas em primeira ou em terceira pessoa. Ele revela que apesar de terem sido feitos muitos experimentos, dificilmente eles são bem-sucedidos. Em *Amy Foster* encontramos uma alternância de vozes, mas ambas narrando a história em primeira pessoa. Logo no início da novela, somos apresentados ao Dr. Kennedy, que após ter sido cirurgião da marinha inglesa e tornar-se um respeitado cientista a partir da publicação de estudos sobre a flora e a fauna das regiões que visitara, decidiu tornar-se médico de família na pequena cidade de Colebrook, na costa da Inglaterra. Dr. Kennedy mantém sobre ele o foco narrativo em diversos momentos, intercalados por sua própria voz, quando ele se torna o narrador. Porém, ele não é o único a contar a história de Amy Foster. Durante a maior parte da narrativa, observamos as circunstâncias através do olhar atento do forasteiro que acompanha o médico pelas localidades onde vivem seus pacientes. “Os homens que encontramos passavam lentamente por nós, sérios, de olhos baixos, como se a melancolia de um planeta sobrecarregado tivesse tornado seus pés pesados, vergado seus ombros, baixado seu olhar”. (CONRAD. 2007, p.20)

É através da observação do companheiro do Dr. Kennedy que temos acesso à descrição das paisagens da cidade e de seus habitantes, como nos excertos a seguir:

A colina que aparece abruptamente atrás dos telhados vermelhos da pequena cidade comprime a graciosa High Street contra o paredão que a defende do mar. Além do paredão, ao longo de muitas milhas, a praia de areia e pedras soltas traça uma curva ampla e regular, com o vilarejo de Brenzett avistado sobre a água, sombrio, a torre de uma igreja avistada em meio a algumas árvores e, ainda mais longe, a coluna perpendicular de um farol, que à distância não parece maior do que um lápis, marca o ponto em que a terra desaparece. (CONRAD. 2007, p.13)

Se o narrador-visitante relata principalmente os aspectos físicos e suas impressões superficiais sobre os habitantes e sobre os fatos referentes às localidades visitadas, Dr. Kennedy, a segunda voz narrativa, revela detalhes sobre os seus pacientes, com grande conhecimento sobre o seu passado, como é o caso dos protagonistas Amy Foster e Yanko Goral.

“De qualquer maneira, tal como você a vê, ela teve imaginação bastante para apaixonar-se. É filha de um certo Isaac Foster que, de pequeno fazendeiro, decaiu para pastor, sendo o princípio de seus infortúnios o casamento às escondidas com a cozinheira de seu pai viúvo – um próspero e apoplético criador de gado que, descontrolado, deserudou-o, e foi ouvido pronunciando ameaças contra sua vida”. (CONRAD, 2007, p.16)

“Ela é a mais velha de uma família grande. Com a idade de quinze anos, puseram-na para trabalhar na fazenda New Barns. Eu tratava de Ms. Smith, a esposa do arrendatário, e vi aquela menina pela primeira vez”. (CONRAD, 2007, p.18)

“Com vários lampejos de dentes brancos e relances vivazes de olhos negros, ele contou-me essa história de sua aventura, inicialmente numa espécie de conversa ansiosa de criança e depois, à medida que aprendia a língua, muito fluentemente, mas sempre com aquela entonação cantada, suave e ao mesmo tempo vibrante, que instilava uma força estranhamente penetrante no som das palavras inglesas mais familiares, como se fossem palavras uma língua sobrenatural. (CONRAD, 2007, p.29)

Nos dois primeiros excertos, fica explícito que o médico tem um conhecimento bem aprofundado sobre o passado de Amy, e sua origem. Temos no terceiro excerto uma referência a Yanko, o naufrago. Apesar do curto período em que o estrangeiro viveu na cidade, e seu contrato restrito com os demais moradores, Yanko Goral encontrou no médico um confidente. Mais do que qualquer morador da cidade, talvez até mesmo do que Amy Foster, Dr. Kennedy tenha sido a pessoa que conhecia mais detalhes sobre a vida pregressa de Yanko.

Ao longo da narrativa podemos perceber que o autor se valeu das duas vozes narrativas para contar a história não só de maneira mais superficial, sob o ponto de vista do visitante que registra apenas as impressões sobre os personagens e os acontecimentos que os envolvem, mas também, sob o ponto de vista do médico que há muito tempo dedica-se aos seus pacientes, entrando em suas casas, fazendo parte de suas vidas.

3.2 O naufrágio e o destino da protagonista

“Mas aqui, nesta mesma estrada, você poderia ter visto entre aqueles homens de chumbo um ser ágil, flexível e de longas pernas, ereto como um pinheiro, com a aparência de alguém que se esforça por subir, como se o coração que ele tinha dentro de si fosse alegre. Talvez fosse apenas a força do contraste, mas eu tinha a impressão de que, quando ele passava por um desses aldeões, a sola de seus pés não tocava o pó da estrada. Ele pulava cercas, descia ladeiras com passadas longas e elásticas, que o faziam ser notado de longe, e tinha olhos negros muito brilhantes. Era tão diferente das pessoas a sua volta que, com aquela liberdade de movimentos, o olhar bondoso – um pouco espantado – a pele cor de oliva e o porte gracioso, sua humanidade me

sugeria a natureza de uma criatura da floresta. Ele veio de lá. (CONRAD, 2007, p. 21)

O excerto acima se refere à primeira vez que Yanko é mencionado na novela de Conrad. A descrição romântica do personagem pelo narrador – neste momento, Dr. Kennedy – apresenta um personagem quase sublime, cujas características físicas são comparadas a elementos da natureza. O próprio narrador admite que sua impressão pode ser resultante da comparação da figura de Yanko a dos demais moradores da cidade. Yanko Goral, o único sobrevivente de famoso naufrágio na região, se destaca entre os demais, e suas diferenças não serão motivo apenas da admiração do narrador, que vê no paciente um ideal de pureza, tampouco somente despertarão a paixão em Amy Foster, suas singularidades servirão de pretexto para os aldeões discriminá-lo e mantê-lo sempre à margem da sociedade. “Não posso seguir passo a passo o seu desenvolvimento. Ele cortou o cabelo curto e era visto na aldeia e pela estrada, indo daqui para ali em seu trabalho como qualquer outro homem. As crianças deixaram de segui-lo gritando”. (CONRAD, 2007, p.47)

Por mais que o estrangeiro se esforçasse para tornar-se semelhante aos demais moradores da aldeia, ele jamais seria reconhecido como um deles, tampouco por eles respeitado.

“E embora usasse calças de veludo listrado no trabalho e, aos domingos, um terno cinza de confecção comum, os estranhos se voltaram para olhá-lo nas estradas. Seu aspecto de estrangeiro tinha uma marca singular e indelével. Por fim, as pessoas se acostumaram a vê-lo, mas não se acostumaram com ele. Seu andar rápido e leve, a tez morena, o chapéu com a aba levantada sobre a orelha esquerda, seu costume, nas noites quentes, de usar o paletó sobre um ombro como o dólma de um hussardo, sua maneira de pular as cercas, não como uma proeza de agilidade, mas como a progressão normal da caminhada, todas essas peculiaridades eram, como se pode dizer, motivo de escárnio e de ataques para os habitantes da aldeia.” (CONRAD, 2007, p.48)

Em sua obra *Estrangeiros para nós mesmos*, a filósofa Julia Kristeva discorre sobre as razões de um indivíduo não pertencente ao local em que passa a viver causar tanto estranhamento entre os habitantes nativos do local escolhido. “Entretanto, é o banal, precisamente, que constitui uma identidade para os nossos hábitos diários. Porém esse discernimento dos traços do estrangeiro, que nos cativa, ao mesmo tempo nos atrai e nos repele”. (KRISTEVA, 1994, p.11).

Existem estrangeiros felizes?

O rosto do estrangeiro queima a felicidade.

Primeiramente, a sua singularidade impressiona: esses olhos, esses lábios, essas faces, essa pele diferente dos outros o destacam e lembram que ali existe alguém. A diferença desse rosto revela um paroxismo que qualquer rosto deveria revelar ao olhar atento: a inexistência da banalidade entre os seres humanos. (KRISTEVA, 1994, p.11)

Se a convivência de Yanko com os habitantes de Colebrook não se deu de forma tranquila, sua chegada à cidade foi ainda mais traumática. Após uma noite tempestuosa, destroços de um grande navio começaram a chegar à beira da praia. O fato surpreendeu a todos, pois o navio não havia sido visto nas proximidades da costa.

A primeira vítima do naufrágio a ser encontrada foi uma criança loura que vestia uma túnica vermelha. Em seguida, foram arremessados à praia centenas de corpos de homens, mulheres e crianças.

A cidade jamais havia visto uma tragédia daquele porte e seus moradores ficaram muito comovidos com o acontecimento. Porém, o único sobrevivente, não foi recebido com hospitalidade ou qualquer tipo de cuidado.

Demorou algum tempo para que os moradores se dessem conta de que o estranho homem considerado lunático que havia surgido como um andarilho na região fosse a única vítima sobrevivente do naufrágio. Embora o incidente tenha despertado a piedade de todos, Yanko, o estrangeiro, a testemunha viva da tragédia suscitava nos aldeões uma constante desconfiança, que permaneceu desde o dia de sua chegada até o momento de sua morte.

A seguir, teremos exemplos dos primeiros contatos estabelecidos entre Yanko e os moradores de Colebrook, logo após sua chegada à cidade. Temos nessas interações um dos principais motivos para a melancolia demonstrada por Yanko ao longo da narrativa, evidenciada em todos os momentos em que ele se recorda de seu país de origem, comparando-o com a atual.

O condutor da carroça de leite de Mr. Bradley não escondeu que havia açoitado uma espécie cabeluda de cigano que, saltando numa curva da estrada na altura dos Vent, agarrou-se à rédea do pônei. E também lhe deu bem na cara um belo soco, disse ele, que o fez cair no barro mais rápido do que ele havia saltado. (CONRAD, 2007, p.31)

Logo em sua chegada à Colebrook, Yanko, foi agredido pelos moradores, sendo alvo de violência física e gratuita, por aqueles que sequer pensaram que ele poderia ser um sobrevivente daquele naufrágio que tanto os comovera, tampouco alguém que necessitava de ajuda, como veremos a seguir: “Além disso, três jovens confessaram mais tarde ter atirado pedras em um vagabundo engraçado que vagueava todo molhado, enlameado e, aparentemente, muito bêbado na pequena viela perto dos fornos de cal”. (CONRAD, 2007, p.31)

Ms. Finn gritou-lhe que fosse embora; como ele persistisse em aproximar-se, ela corajosamente bateu-lhe com o guarda-chuva na cabeça e sem olhar para trás nem sequer uma vez, empurrando o carrinho, correu como o vento até a primeira casa da aldeia. (CONRAD, 2007, p.31)

“Quando a criatura se aproximou dele com uma linguagem agitadíssima e ininteligível, Smith (sem saber que o tratavam por “bondoso senhor” e lhe suplicavam, em nome de Deus, alimento e abrigo) prosseguiu conversando firme, mas brandamente, e afastando-se para dentro do outro depósito. Por

fim, vendo sua oportunidade, num ataque inesperado ele despachou o outro impetuosamente para dentro do depósito de madeira e trancou a porta. (CONRAD, 2007, p.33)

Como podemos perceber nos excertos acima, Yanko é discriminado logo no início de sua jornada pela nova pátria, país sobre o qual ele nada sabia e permaneceria durante muito tempo sem saber. Sua intenção ao abandonar sua terra natal era chegar à América, em busca de ouro, pois havia sido enganado por agentes que percorriam os campos na cadeia oriental dos Cárpatos aliciando jovens em troca de suas terras. Com o passar do tempo, ele desiste de seu sonho, após ser advertido por Dr. Kennedy de que em nenhum país o ouro estava disponível para quem quisesse extraí-lo da terra.

Apesar da desistência de seu objetivo inicial, o jovem estrangeiro se recusa a voltar a sua terra, pois ficara profundamente traumatizado pelo naufrágio e, apesar dos sofrimentos que sua nova condição lhe impunha, ele resistiu.

O primeiro contato amistoso entre Yanko e um morador da região deu-se no momento em que ele encontrou a protagonista da novela pela primeira vez. Amy Foster surge como uma espécie de elo entre Yanko e a humanidade. A jovem foi a primeira pessoa que não olhou para o estrangeiro com desconfiança, tampouco temeu sua presença.

“Então, ele se levantou devagar, do meio de todo tipo de lixo, tenso, faminto, trêmulo, aflito e desconfiado. “Você pode comer isso? ”, perguntou ela com sua voz branda e tímida. Ele deve tê-la tomado por uma “bondosa senhora”. Devorou o pão ferozmente, e lágrimas correram pela crosta. De repente, deixou cair o pão, agarrou o pulso da moça e deu um beijo em sua mão. Ela não se assustou. (CONRAD, 2007, p.38)

Como podemos ver acima, ao contrário de seus conterrâneos, Amy Foster não repeliu o estrangeiro. Embora ele tenha se aproximado dela mais do que de qualquer outro morador, Amy compadeceu-se de sua situação, mesmo sem saber que ele era, na verdade, uma vítima do grande naufrágio. A jovem teria sido movida por um sentimento de empatia pelo homem que, apesar de ter um aspecto assustador, necessitava de sua ajuda. Amy, que passara toda a sua vida servindo aos pais e irmãos, inicialmente, e mais tarde, aos patrões, não se negou a auxiliar o desconhecido. Além do costume, Amy posteriormente descrita por Yanko como a dona de “um coração de ouro e brando para com o sofrimento dos outros”, (p. 50) foi a única moradora que desde o início colocou-se no lugar do estrangeiro, compreendendo que o mesmo era um ser humano, com sentimentos e necessidades. Mr. Swaffer aceitou levar o homem para a sua fazenda, mas por interesse em sua força de trabalho e, também, no mistério de sua origem. Por último, Yanko ganha a simpatia de Dr. Kennedy, um dos dois narradores da obra, que surge como uma mente aberta, desprovida de preconceitos e que o acompanha de perto toda a sua curta trajetória na cidade.

3.3 O casamento: um choque de culturas

O excerto a seguir se refere ao momento em que o estrangeiro deixa a propriedade dos Smith rumo à fazenda New Barnes, onde iniciará seus primeiros contatos com os habitantes do novo país. “A partir desse momento, ele ficou inteiramente nas malhas de seu sombrio e comovente destino. ” (CONRAD, 2007, p.32). Com essa frase, o narrador antecipa o final trágico do imigrante.

Nos momentos seguintes, Amy Foster e Yanko se conhecem. Com o passar dos dias, surge um envolvimento afetivo entre eles, o que não é nada surpreendente, a não ser para dr. Kennedy, que estranha o fato de que o forasteiro se apaixonasse pela jovem “eu me pergunto se ele viu o quanto ela era sem graça. ” (CONRAD, 2007, p.52).

À noite, quando não conseguia dormir, ele ficava pensando naquela moça que tinha lhe dado o primeiro pedaço de pão que ele comera naquela terra estrangeira. Ela não era ameaçadora, nem estava zangada, nem tampouco assustada. Seu rosto, ele se lembrava, era o único compreensivo dentre todos aqueles rostos sempre tão fechados, tão misteriosos e tão mudos quanto os dos mortos, que são dotados de uma sabedoria acima da compreensão dos vivos. Fico imaginando se a lembrança da compaixão dela não o impediu de cortar a própria garganta. (CONRAD, 2007, p.44-45).

Amy Foster, a primeira pessoa com quem Yanko manteve contato após o naufrágio e a quem o estrangeiro se referia constantemente como a dona de um coração de ouro, não se deixou impressionar pelos comentários preconceituosos de seus familiares e conterrâneos, e aceitou de bom grado quando o jovem começou a cortejá-la. Yanko Goral, a partir do momento em que começou a ter o seu trabalho remunerado, passou a visitar a jovem e a pediu em namoro.

Vale ressaltar que Mr. Swaffer quando o recebeu em sua fazenda – após Yanko ser rejeitado pelos demais moradores da cidade – o empregou apenas pela alimentação. Não pagava a ele salário, e nem mesmo as refeições ele podia fazer na presença dos demais. Somente a partir da ocasião em que Yanko salvou a vida de sua neta, o fazendeiro começou a tratá-lo como os demais funcionários de sua fazenda.

Antes de reencontrar Amy Foster, Yanko vivia na mais completa solidão. Não somente a barreira do idioma, mas também o comportamento hostil dos habitantes da região o repeliam.

...uma solidão acachapante parecia desabar do céu de chumbo daquele inverno. Todos os rostos eram tristes. Ele não podia conversar com ninguém e não tinha esperança de algum dia compreender alguém. Era como se fossem rostos de gente de outro mundo. (CONRAD, 2007, p.44).

A terra e a água eram diferentes.

(...)

Também todas as árvores, exceto os três pinheiros da Noruega no pedacinho relvado diante da casa de Swaffer, pois estes faziam-no lembrar-se de seu país. Certa vez, depois do pôr-do-sol, ele foi encontrado com a testa encostada contra o tronco de um deles, soluçando e falando sozinho. Naquela época, afirmou ele, as três árvores tinham sido como irmãos para ele. (CONRAD, 2007, p.44).

Kristeva sugere que o estrangeiro sofre de uma profunda solidão, pois não encontra correspondência quando deseja estabelecer algum vínculo de amizade. Ele é o ser que, em virtude do estranhamento que provoca nos demais, é tornado invisível.

A sua palavra não tem passado e não terá poder sobre o futuro do grupo. Por que a escutariam? (...). Ela pode ser desejável, surpreendente também, estranha ou atraente, até. Porém, tais atrativos têm um peso fraco diante do interesse – que falta, precisamente – dos interlocutores. (...). As suas palavras, ainda que fascinantes por sua própria estranheza, não terão consequência, efeito e não provocarão, portanto, nenhuma melhoria de imagem ou de renome de seus interlocutores. (KRISTEVA, 1994, p.28)

Amy Foster surge para Yanko como uma possibilidade de escapar da solidão que o oprimia todos os dias. Ela era a promessa de felicidade que o fez definitivamente desistir de retornar a sua pátria.

É possível ser estrangeiro e ser feliz? O estrangeiro suscita uma nova ideia de felicidade. Entre fuga e origem: um limite frágil, uma homeostase provisória. Assentada, presente por vezes incontestável, essa felicidade, entretanto, sabe estar em trânsito, como o fogo que somente brilha porque consome. (KRISTEVA, 1994, p.12)

Entretanto, essa insensibilidade, essa dureza em estado de ausência de gravidade é um absoluto que não dura muito. O próprio traidor se trai. Seja ele um lixeiro magrebino preso a sua vassoura ou uma princesa asiática escrevendo suas memórias numa língua que não é a sua, a partir do momento em que os estrangeiros têm uma atitude ou uma paixão, eles se fixam. (KRISTEVA, 1994, p.17)

Em alguns momentos, Yanko chegou a ser hostilizado e agredido por alguns moradores, principalmente naquelas ocasiões em que ficava mais evidente que ele não pertencia àquele lugar. “Eles o pegaram. Tendo bebido um ou dois copos, o estrangeiro de Mr. Swaffer tentou reclamar; foi posto para fora com violência; ganhou um olho preto”. (CONRAD, 2007, p.49). Os traços culturais que o distinguiam dos demais eram logo percebidos, e qualquer manifestação de afirmação de suas origens era vista como uma afronta aos costumes locais. Para os moradores de Colebrook, cuja a simples presença do estrangeiro era perturbadora, uma demonstração de amor-próprio, revelada através do orgulho de seu passado distante, era impensável.

Sua fala rápida, vigorosa, positivamente chocava todo mundo. “Um demônio nervoso”, era como o qualificavam. Uma noite, na taberna da estalagem Coach and Horses (depois de ter bebido um pouco de uísque), ele deixou todo mundo contrariado ao cantar uma canção de amor de seu país. Vaiaram-no e magoaram-no. (CONRAD, 2007, p.48-49).

Quando o filho nasceu, ele ficou levemente embriagado no bar Coach and Horses, tentou novamente uma canção e uma dança e foi expulso. O povo expressou sua comiseração por uma mulher casada com aquela caixa de surpresas. (CONRAD, 2007, p.54).

Um outro aspecto importante a ser considerado é a religiosidade de Yanko contrastante com os aspectos locais da religião. Embora ambas as religiões fossem cristãs, Yanko sentia que no novo país, a igreja não acolhia os seus fiéis como em sua terra natal. E não demorou muito para que as autoridades religiosas locais tentassem convertê-lo ao anglicanismo, tão distinto do catolicismo ortodoxo de sua pátria. “Não havia imagens do Redentor à beira da estrada”. (CONRAD, 2007, p.44).

A religiosidade seria o ponto mais destoante entre a antiga e a nova pátria. A religião, à qual ele nem teve tempo de converter-se, era a imagem e semelhança do povo do novo país. Como veremos a seguir, para Yanko, a religiosidade era uma forma de reconectar-se ao seu passado, e a sua família.

Ele tornou-se conhecedor das diferenças sociais, mas por muito tempo continuou surpreso pela pobreza nua das igrejas em meio a tanta riqueza. Não podia tampouco compreender por que as mantinham fechadas durante a semana. Não havia nelas nada para roubar. Seria para impedir que as pessoas orassem mais do que o desejado? (CONRAD, 2007, p.47).

A sede da paróquia passou a lhe dar atenção naquela época, e acredito que as jovens tentavam preparar o terreno para a sua conversão. Elas não podiam fazê-lo perder o hábito de se benzer, mas ele chegou ao ponto de retirar a corrente com duas medalhas de cobre do tamanho de seis *pence*, uma pequenina cruz de metal e uma espécie de escapulário quadrado que estava sempre em volta do seu pescoço. (CONRAD, 2007, p.47).

Ele a dependurou na parede, ao lado da cama, e continuava a ser ouvido todas as noites rezando o Padre-Nosso com palavras incompreensíveis e num tom baixo, fervoroso, tal como ouvira seu velho pai fazer à frente de toda a família ajoelhada, os grandes e os pequenos, todas as noites de sua vida. (CONRAD, 2007, p.47).

Segundo o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov, a aculturação é um processo natural que todo indivíduo que deixa o seu país sofrerá ao chegar em outro, visto que a cultura é um elemento vivo e passível de transformações.

O que é preciso crer e lamentar é a própria desculturação, degradação da cultura de origem; mas ela talvez seja compensada pela aculturação, aquisição progressiva de uma nova cultura, de que todos os seres humanos são capazes. (...). Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é

empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda (...). O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua. (TODOROV, 1999. p. 24-25).

A religião, para Yanko, é uma das lembranças mais caras no que tange o seu passado. Somente na presença de Ms. Swaffer, ele demonstra estar em conformidade com a fé local. Mais adiante veremos que até mesmo devido a suas crenças ele será discriminado.

Porém, em respeito às tradições locais, Yanko irá se casar com Amy na capela da cidade. Não sem antes pedi-la em casamento ao seu pai, bem como ter pedido autorização de Mr. Swaffer, a quem considerava como um familiar. Vale ressaltar que ele não recebia a mesma consideração do patrão, pois, até o salvamento de sua neta, ele permanecia excluído de todas as interações familiares e tampouco recebia remuneração por seu trabalho. Sobre a relação entre Yanko e Mr. Swaffer, o narrador comenta:

Não sei se o velho Swaffer jamais entendeu o quanto estava sendo considerado um pai pelo seu empregado estrangeiro. De qualquer maneira, a relação era curiosamente feudal. Assim, quando Yanko solicitou formalmente uma entrevista – “e a senhorinha também” – ele chamava a severa surda Ms. Swaffer simplesmente de senhorinha), foi para pedir ao velho e à sua filha permissão para eles se casarem. (CONRAD, 2007, p.53).

O fato de que Yanko considerasse como familiares os seus patrões, embora o sentimento não tivesse nenhuma reciprocidade, é explicado por Kristeva, que afirma: De bom grado ele (o estrangeiro) sente uma certa admiração para com os que o acolheram, pois, em geral acredita serem eles superiores, seja material, política ou socialmente. (KRISTEVA, 1994, p.14)

O casamento se deu de maneira rápida, porém, não sem despertar a ira dos moradores da cidade. O fato de Yanko ser estrangeiro, aliado talvez à precariedade das condições financeiras do casal, gerou um mal-estar em toda a aldeia, o qual os moradores não se esforçavam para disfarçá-lo, como podemos perceber no relato de dr. Kennedy, logo abaixo.

“Foi apenas quando ela declarou sua intenção de se casar que ficou claro para mim, por uma centena de razões fúteis e imperceptíveis, como ele era – devo dizer odioso? – para todos os camponeses? Todas as velhas da aldeia declararam guerra. Smith, vendo-o perto da fazenda prometeu quebrar-lhe a cara se o encontrasse novamente por ali.” (CONRAD, 2007, p.51).

Obviamente, quando dr. Kennedy comenta sobre a onda de hostilidade dos moradores em relação ao casal, ele não afirma que a mesma teria surgido somente após o estrangeiro revelar sua intenção de casar-se, e sim, apenas intensificando-se a partir desse momento. Podemos concluir que a possibilidade de o forasteiro se fixar na região constituindo família era insuportável para os conterrâneos da futura esposa, todavia o casal já recebia demonstrações de repúdio até mesmo das pessoas mais próximas.

Não obstante, quando no crepúsculo ela o ouvia assobiar para além do pomar uns poucos compassos de uma estranha melodia, Amy Foster deixava cair qualquer coisa que tivesse nas mãos – deixava Ms. Smith no meio de uma sentença – e corria, atendendo ao assobio. Ms. Smith chamou-a de namoradeira e sem-vergonha. (CONRAD, 2007, p.51).

A mãe dela lamentava-a tristemente quando, em seu dia de folga, ela ia visita-la. O pai estava sempre mal-humorado, mas procedia como se não soubesse de nada; e Ms. Finn certa vez lhe disse claramente que “esse homem, minha querida, algum dia lhe fará mal” (CONRAD, 2007, p.51-52).

Um dia, entretanto, no meio dos carneiros num campo (agora ele era ajudante de pastor de Swaffer, junto com Foster), ele tirou o chapéu para o pai e humildemente declarou suas intenções. “Acho que minha filha é tola o suficiente para se casar com você”. “E então” contava Foster “ele coloca o chapéu na cabeça, olha-me como se quisesse cortar a minha garganta, assobia para o cachorro e vai-se embora, deixando o trabalho por minha conta”. (CONRAD, 2007, p.52).

Como podemos ver nos excertos acima, o casal foi rejeitado não apenas pela comunidade de Colebrook, mas também pelos pais da noiva. No terceiro exemplo, temos um homem que embora demonstre respeito e peça “humildemente” a mão da moça em casamento, é ofendido pelo pai da jovem. Mr. Foster não somente humilha o pretendente da filha, como tenta desqualificá-lo, como vemos em seu discurso, atribuindo ao estrangeiro um olhar de ódio gratuito. As constantes tentativas de desvalorização do caráter do jovem irão se estender até o final da narrativa.

Em seguida, dr. Kennedy opina sobre os verdadeiros motivos que levaram os pais a serem contrários à união do jovem casal. Devemos recordar de que a simples existência de Amy Foster, que provavelmente tenha sido a razão pela qual Mr. Foster tenha casado-se às pressas com a cozinheira da fazenda de seu pai, seja responsabilizada pela ruína da família Foster – o pai deserddado e a perda do status social. “Os Foster, naturalmente, não gostariam de perder os ordenados que a moça ganhava. (CONRAD, 2007, p.52).

Conforme vimos anteriormente, Amy Foster dedicava-se exclusivamente ao trabalho e todo o seu salário era entregue à mãe. Até mesmo em seus dias de folga, a moça retornava à casa dos pais, onde realizava tarefas domésticas e cuidava dos irmãos pequenos. Para os pais de Amy Foster, o casamento poria termo a um ciclo de expiação da culpa que a filha carregava consigo desde antes do nascimento. O fato de Yanko ser estrangeiro ofereceu aos pais um argumento para legitimar a aversão pelo homem, o preconceito sob o disfarce de preocupação. Os pais, que a enviaram para trabalhar aos quinze anos na fazenda dos Smith, vizinha à fazenda onde residiam, e que só encontravam a jovem aos domingos, passam a demonstrar uma grande preocupação com o futuro da filha.

Ele argumentava que o sujeito era muito bom para tratar dos animais, mas que não servia para se casar com uma moça, qualquer que fosse ela. Porque

ele costumava caminhar ao longo das cercas murmurando consigo mesmo, como um maluco; e, além disso, esses estrangeiros às vezes procedem de modo muito esquisito com as mulheres. E talvez ele quisesse carregá-la para algum outro lugar – ou fugir sozinho. Não era a coisa mais segura. Ele advertiu a filha de que o sujeito poderia tratá-la mal, de algum jeito. (CONRAD, 2007, p.53).

Segundo Kristeva, não faz diferença para quem observa o estrangeiro que em seu semblante haja uma expressão cordial ou hostil, ele sempre será visto com desconfiança. Seja ela perturbada ou alegre, a expressão do estrangeiro assinala que ele está “a mais”. (KRISTEVA, 1994, p.11). Sendo assim, a filha, que já não era bem vista pela família, ao unir-se ao estrangeiro tornou-se motivo de vergonha ainda maior para os pais. Sob o pretexto da desconfiança que o genro despertava, o senhor e a senhora Foster distanciaram-se de Amy ainda mais, aproximando-se dela apenas para criticarem sua escolha.

Porém, apesar das tentativas da família de Amy de convencê-la a não se casar com o estrangeiro, os jovens se casaram tão logo Yanko recebeu como gratificação, por ter salvo a vida da neta de Mr. Swaffer, uma pequena propriedade nas proximidades de sua fazenda. Apesar dos apelos dos conhecidos dos Fosters, Amy deixava-se envolver a cada dia. A decisão de casar-se com Yanko talvez tenha sido a primeira decisão autônoma de Amy. A partir do surgimento de sua paixão, Amy passou a ter as rédeas da própria vida.

A paixão que geralmente é associada à perda da razão, neste caso operou de maneira contrária. Amy Foster somente assumiu as rédeas da própria vida, libertando-se da opressão da família, após o vislumbre de um destino diferente daquele com o qual ela já estava conformada e que provavelmente não se diferenciaria de seu passado, tampouco do presente: “Era, diziam, como se o homem lhe tivesse feito alguma coisa. As pessoas discutiam o assunto. Havia uma grande agitação, mas o par ignorava a oposição que lhe faziam”. (CONRAD, 2007, p.53).

O período que inclui o namoro e o início do casamento, transcorreu sem brigas, e sem que o casal permitisse que a opinião alheia interferisse em seu relacionamento. Amy não dava ouvidos às críticas feitas pelos conterrâneos e por seus familiares.

A paixão de Amy Foster resistia. As pessoas a viam sair à tardinha para encontrá-lo. Ela fitava, com olhos abertos, fascinados, o alto da estrada onde esperava vê-lo aparecer, caminhando livremente, com uma ginga no quadril e cantarolando uma ou outra canção de amor de sua terra. (CONRAD, 2007, p.54).

A partir do nascimento do filho surgem os conflitos entre o casal. Amy parece ter cedido à opinião dos familiares e dos conterrâneos a respeito do marido. Embora Amy estivesse convicta de que o casamento era sua melhor escolha, com o nascimento do filho, uma espécie de pânico tomou o lugar da paixão inicial e todos os traços que distinguiam o marido de seus conterrâneos, que antes a encantavam, passaram a aterrorizá-la. A jovem mãe tentava evitar que o marido se aproximasse do filho e sempre que ele cantava ou rezava em seu idioma, Amy retirava a criança de seu colo, ou de perto dele.

Certo dia em que estava sentado na soleira da porta cantarolando baixinho para o filho uma canção que nas suas montanhas as mães cantam para os bebês, Amy havia tirado a criança dos braços dele. Ela parecia achar que ele lhe estava lhe fazendo algum mal. (CONRAD, 2007, p.55).

Certo dia eu o encontrei na vereda acima da colina de Taulfourd. Ele me disse que “as mulheres são engraçadas”. Eu já havia ouvido falar sobre as desavenças domésticas. Dizia-se que Amy Foster começava a perceber com que espécie de homem se casara. (CONRAD, 2007, p.55).

A convivência diária transforma a visão que a jovem tem do marido, aproximando-a muito mais da opinião de seus parentes e conterrâneos do que da própria opinião sobre o marido nos primeiros tempos do relacionamento. Amy se deixa levar pela visão preconceituosa que julga o estrangeiro por suas crenças e hábitos. O que a perturba é o mesmo que antes a atraía. O exotismo que encantava Amy durante os passeios e contatos mais superficiais se transforma em diferença. Amy não consegue ver-se representada por aquele homem, ela estranha o seu idioma, suas rezas, as canções que ele canta. A ideia de que o filho possa vir a se tornar semelhante ao pai a aterroriza, o que significa que Amy é tão preconceituosa quanto os outros moradores de sua região. Amy se envolve afetivamente com o estrangeiro, mas não a ponto de assumir que o filho, seu descendente de direto, apresente características em comum com o pai. Talvez pelo fato de ter sido rejeitada durante toda a vida pela família, que passou a preocupar-se com ela (ainda que, mais por interesse econômico do que afetivo) após o surgimento do pretendente. É como se o inconsciente de Amy dissesse: “se eles aceitam a mim e não a ele, logo, sou melhor do que ele.” Segundo Kristeva, isso teria acontecido porque o indivíduo estrangeiro é sempre nivelado abaixo pelos demais e vale ressaltar que nem mesmo as relações amorosas estão imunes a este padrão. O estrangeiro acaba encarando essa discriminação como algo natural e não se vê motivado a lutar contra este quadro. “A humilhação que rebaixa o estrangeiro confere ao seu senhor um tipo qualquer de grandeza mesquinha”. (KRISTEVA, 1994, p.21)

Se, por um lado, a esposa hostiliza o marido a cada expressão de seus pensamentos e sentimentos, demonstrados através da oralidade quando ele reza, canta para o filho ou tenta ensiná-lo palavras do seu idioma, Yanko não se opõe à vontade da esposa. Ele aceita o tratamento que ela lhe oferece, se cala e se afasta, como no momento em que o médico o encontra solitário em uma colina e ele apenas comenta que “as mulheres são engraçadas”. O fato de Yanko não reagir às ofensas da esposa é explicado por Kristeva que afirma que o estrangeiro acaba desenvolvendo uma aceitação da suposta superioridade que aquele com quem se relaciona, e que está em sua própria pátria, teria sobre ele. O estrangeiro aceitaria essa dominação por considerar-se merecedor dela, por acreditar ser inferior em conhecimentos linguísticos, culturais, históricos e sociais. Ainda que Yanko desejasse ter alguém para compartilhar os conhecimentos oriundos de sua terra natal, ele permite que Amy o afaste de seu filho, como se ele não tivesse direito à opinião, como se seus valores e suas crenças não tivessem valor nenhum. Sobre a resignação do estrangeiro diante de quem tenta destitui-lo de suas raízes, Kristeva afirma:

“Viver o ódio”. Frequentemente o estrangeiro formula assim sua existência, mas o duplo sentido da expressão lhe escapa. Sentir constantemente o ódio dos outros, não ter outro meio social senão aquele ódio. Como uma mulher que se dobra, complacente e cúmplice, à rejeição que seu marido lhe expressa logo que ela esboça a menor palavra, gesto ou propósito. Como uma criança que se esconde, medrosa e culpada, antecipadamente convencida de merecer a cólera dos seus pais. (KRISTEVA, 1994, p.20)

Ele sangra de corpo e alma, humilhado por uma situação em que, mesmo nos melhores casais, ele / ela ocupa o lugar da empregada doméstica, daquele / daquela que incomoda quando ele / ela cai doente, que encarna o inimigo, o traidor, a vítima. (KRISTEVA, 1994, p.14)

De acordo com Kristeva, o estrangeiro nos obriga a enxergarmos a nós mesmos, a partir de suas singularidades, e é isto o que o torna tão perturbador. O indivíduo que vêm de outro lugar funciona como uma espécie de espelho onde o habitante local é forçado a se ver. Sendo assim, não é difícil concluirmos que Amy tenta valorizar-se, nivelando-se aos que a discriminavam, rebaixando o companheiro. O marido passou a ser o elemento destoante na família e na cidade e não mais ela. Pela primeira vez a jovem tem a noção de pertencimento a um grupo e a um local, mesmo que para fazer parte deste grupo ela tenha a necessidade excluir aquele de quem ela estava mais próxima.

Estrangeiro: raiva estrangulada em minha garganta, anjo negro turvando a transparência, traço opaco, insondável. Símbolo do ódio e do outro, o estrangeiro não é nem a vítima romântica de nossa preguiça habitual, nem o intruso responsável por todos os males da cidade (...). Estranhamente, o estrangeiro habita em nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia. (KRISTEVA, 1994, p.9)

Por outro lado, Yanko viu no nascimento do filho uma oportunidade de resgatar suas próprias origens. O estrangeiro fazia planos de ensinar-lhe a dançar e a cantar como se fazia em seu país e lhe alegrava a ideia de que poderia ensiná-lo a falar o seu idioma. O menino seria uma espécie de extensão de si mesmo, um amigo, ou um pedaço de seu país e de sua família deixada para trás. “Ele não se importou. Agora havia um homem (disse-me orgulhosamente) para quem podia cantar e falar na língua do seu país, e aos poucos ensiná-lo a dançar. (CONRAD. 2007, p.55). Porém, a esposa não concordava com o marido e não poupava esforços para impedir que o seu objetivo se realizasse, como veremos no excerto a seguir:

Ela se opunha à oração que ele fazia ao entardecer. Por quê? Ele esperava que aos poucos o menino repetisse em voz alta a oração depois dele, como seu velho pai fazia quando ele era criança, na sua terra. E eu descobri que ele esperava ansioso o crescimento do menino, para poder ter um homem com

quem pudesse conversar naquela língua que para os nossos ouvidos soava tão desconcertante, tão veemente e tão bizarra. (CONRAD, 2007, p.55).

Porém, quanto mais o estrangeiro sentia a necessidade de repassar ao filho seus costumes, mais resistência em aceitá-los encontrava em sua esposa. Amy que o repreendia todas as vezes que o flagrava conversando com o filho, o levou a um isolamento que evoluiu para um quadro depressivo, como veremos mais adiante. Para o estrangeiro, a criança era uma forma de reconciliar-se com seu passado deixado em seu país distante. Ao impedir essa reconciliação, Amy tenta afastá-lo definitivamente de suas lembranças e de tudo aquilo que o constitui. Este afastamento operou em Yanko uma transformação física e psicológica. O estrangeiro que, ao chegar no país, mostrara-se um homem extrovertido, que se esforçava para se relacionar com os habitantes locais e que era bem-disposto para o trabalho, tornou-se apático e solitário. Sua saúde não tardou a ressentir-se, e o homem forte que sobreviveu ao naufrágio, nadando por horas pelo mar tempestuoso, passou a sofrer de uma enfermidade nos pulmões que logo evoluiu para pneumonia.

A degradação da saúde do estrangeiro, à medida em que os desentendimentos se intensificavam, foi percebido pelo médico. Dr. Kennedy reparava até mesmo pelos movimentos que seu paciente estava debilitado físico e emocionalmente. É nesse aspecto que temos o principal ponto em comum entre a novela de Conrad e a de Dostoiévski: dois personagens fortes, repletos de energia vital, que sucumbem à opressão que encontram em seus respectivos lares.

4 CONCLUSÃO

Dostoiévski e Joseph Conrad são dois escritores contemporâneos e oriundos da Europa Oriental que, apesar das trajetórias bastante diferentes, possuem obras com alguns pontos de aproximação, além de figurarem entre os grandes clássicos da literatura universal. Os personagens dos dois autores, embora representados de maneira distinta, possuem grande complexidade psicológica.

De acordo com o escritor André Gide, grande amigo de Joseph Conrad, o escritor britânico de origem polonesa detestava qualquer tipo de comparação entre a sua obra e a de um dos maiores nomes da literatura russa. No entanto, é inegável que Conrad seguiu a mesma

vertente do autor russo, cujos personagens são repletos de características psicológicas marcantes e de dramas existenciais. Em seu ensaio “Joseph Conrad: a plenitude da ficção”, Gide afirma:

Ainda assim, em um ponto não nos entendíamos: a menor menção do nome Dostoiévski o fazia empalidecer. Acredito que alguns jornalistas, com comparações mesquinhas, inflaram sua exasperação de polonês contra russo; com este, no entanto, não deixava de apresentar certas semelhanças. Detestava-o cordialmente, e quando ouvia algo sobre ele, renovava veemente sua indignação. Eu queria ter compreendido o que ele reprovava em seus livros, mas nada consegui além de vagas imprecisões. (GIDE, 2012 p.10)

No caso das duas novelas anteriormente observadas, o que as aproxima, como podemos ver, é a relação de dominação que permeia o casamento dos protagonistas. Além do processo de opressão, de assujeitamento pelo qual o indivíduo dominado passa, o desfecho trágico é o ponto de contato mais significativo entre as duas obras.

O processo de assujeitamento ocorre da seguinte forma: a partir do casamento do indivíduo dominante com o indivíduo dominado – vale ressaltar que somente no caso de *A dócil* existe uma maior discrepância entre os indivíduos – aquele que possui um maior respaldo social acaba por oprimir o outro, sendo de maneira consciente, no caso do personagem de Dostoiévski, ou de maneira inconsciente, como procedido pela personagem de Conrad.

De acordo com Wood, isso acontece porque os personagens, assim como os seres humanos, são constituídos em partes iguais, pelo bem e pelo mal, como observaremos a seguir:

Ao mesmo tempo, no entanto, desenvolveu-se outro tipo de romance, em que o bem e o mal lutam dentro do mesmo personagem, em que há uma inquietude do eu. O que romance começava a fazer de modo muito eficaz era explorar a relatividade na caracterização. Essa herança, por sua vez, iria influenciar o romance inglês e norte-americano do começo do século XX, especialmente quando Dostoiévski passou a ser traduzido para o inglês (Lawrence, Conrad, Ford e Woolf foram os principais beneficiados). (WOOD, 2012, p. 128)

Wood, além de afirmar que Dostoiévski teria influenciado diversos escritores, incluindo Conrad, discorre a respeito dessa dualidade de caráter que os personagens carregam em si. Não é difícil concluirmos que a face oculta nos personagens, assim como nos seres humanos se manifesta somente a partir da convivência.

Quando somos apresentados à história do casamento mal-sucedido em *A dócil*, temos a versão do narrador, em que, apesar de não haver possibilidade de se isentar da culpa, ele nos revela sua motivação para ter procedido da forma como o fez. Ele afirma ter um propósito maior para impor a severidade, a qual se refere várias vezes ao longo da narrativa, à esposa a quem, em diversos momentos, ele se refere como sendo alguém cruel que zombava de seus sentimentos. Devemos sempre recordar que esta é a versão do narrador.

Quanto aos eventos que levaram o estrangeiro à morte na novela de Conrad, temos acesso aos fatos por meio de um narrador que tem uma visão um pouco mais limitada dos fatos, pois ao contrário do narrador de *A dócil*, o narrador de *Amy Foster* não vivia junto com o casal, não estava presente em todos os momentos. Os acontecimentos narrados por ele são testemunhados porque ele tem uma relação de amizade muito estreita com um dos protagonistas, e também, por a tragédia ter ocorrido em uma pequena cidade e ter sido muito comentada pelos moradores da região. Dr. Kennedy, embora não acuse diretamente a esposa como responsável pela morte do marido, tem consciência de que por medo, ou talvez por ignorância, ela não tenha se esforçado para salvá-lo, quando ele agonizava com febre. Um exemplo claro da negligência de Amy é o momento em que o médico vai até a sua casa, em uma noite de inverno, e encontra Yanko com febre alta deitado em uma cama na sala, próximo à porta da rua, recebendo diretamente o ar frio do inverno. Quando o médico pede à esposa que o troque de lugar, e o coloque para dormir no segundo andar da casa, a salvo das correntes de ar, Amy se recusa a obedecê-lo, pois ela afirma ter medo de dormir com o filho perto do marido a quem ela acusa de estar tendo acessos de fúria. Yanko a essa altura não está mais conseguindo expressar-se em inglês e eleva o tom de voz com o objetivo de ser compreendido pela esposa, o que não acontece e ele acaba morrendo abandonado, após a chegada do médico.

Quanto ao desfecho trágico da novela *A dócil*, temos a visão do narrador, que foi o responsável direto por todos os acontecimentos que culminaram com a morte da jovem, dos fatos. Segundo o marido, a esposa que seria vítima de uma doença dos nervos, não resistiu a sua promessa de felicidade e jogou-se da janela do apartamento, aproveitando um momento em que ele não estava em casa. O narrador sente-se culpado apenas por ter chegado tarde demais para evitar a morte da esposa. Ele chama a atenção para os cinco minutos que a separariam da vida ou da morte, mas desconsidera todo o período em que as brigas, ofensas e humilhações eram constantes.

Tanto em *A dócil* quanto em *Amy Foster* temos tragédias anunciadas, cujo desfecho dificilmente poderia ser diferente. Em ambos os casos temos exemplos de situações em que um dos indivíduos é privado de comunicação e levado ao limite da solidão mesmo estando em companhia de outras pessoas. É uma espécie de isolamento involuntário no qual, mesmo tentando integrar-se aos demais, o indivíduo acaba sendo repellido, recusado pelo grupo, o que o leva a um distanciamento da vida social, à apatia e, por consequência, à depressão.

Em seu famoso estudo *Luto e Melancolia*, o pai da psicanálise, Sigmund Freud discorre sobre a condição do indivíduo melancólico, em uma antecipação ao que seria posteriormente relacionado à condição de depressão: “Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade...” (FREUD, 2010, p. 276)

Com base no excerto acima, retirados do estudo de Freud e de todos os eventos que culminaram com as mortes trágicas e prematuras nas duas obras, podemos concluir que os personagens centrais foram levados a um processo de depressão ocasionado por uma série de circunstâncias anteriores aos casamentos, porém acentuadas a partir deles. Uma outra constatação: tanto em *A dócil*, quanto em *Amy Foster*, temos uma sugestão de que o ciclo poderá se repetir. Quando o viúvo da novela de Dostoiévski afirma que irá partir para a Criméia logo após o enterro da esposa, para esquecer o passado, como já havia planejado

antes mesmo da morte da mesma, podemos imaginar que ele pretende reconstruir sua vida no local distante de onde viveu sua vida pregressa. Não podemos afirmar com certeza, mas é bem provável que ele refaça sua vida, casando-se novamente e, mais uma vez, tente reconciliar-se com seu passado.

No caso de Amy Foster, quando o narrador Dr. Kennedy visita a jovem e encontra o seu filho, Johnny, diminutivo de John, como o pai, Yanko, também era em seu idioma, e percebe no menino o mesmo olhar do pai “E olhando para ele pareceu-me ver novamente o outro” (CONRAD, 2012, p. 62) ele revela ter visto uma criança quieta, com o mesmo semblante assustado que havia reparado na primeira vez em que viu o estrangeiro. Estaria o menino também sendo discriminado pela mãe e pelos demais conterrâneos como fora o pai tempos antes?

Concluindo, cito uma frase retirada do conto “O silêncio das sereias”, escrito no ano de 1917 – mesmo ano em que Freud publica seu célebre estudo anteriormente citado – por um dos maiores escritores da literatura alemã e mundial, Franz Kafka: “As sereias, entretanto, têm uma arma ainda mais poderosa do que o seu canto: é o seu silêncio”.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRASEY, Édouard. *Como se vendia a alma ao diabo*. In: Revista História Viva – Grandes Temas, ed. 12. São Paulo, Duetto Editorial, 2006.
- BRITO, João. *Literatura no cinema*. São Paulo: Unimarco, 2006.
- CONRAD, Joseph. *Amy Foster*. Tradução Julieta Cupertino. Revan: Rio de Janeiro, 2007.
- CORSO, Diana. CORSO, Mario. *Fadas no divã*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *A dócil*. Tradução Vadim Nikitin. Editora 34: São Paulo, 2015.
- FREUD, Sigmund. “Luto e melancolia” In: *Sigmund Freud: Obras Completas*. Vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GIDE, André. *Joseph Conrad: a plenitude da ficção*. Trad. Rafaela Signoretti. In: CONRAD, Joseph. *Amy Foster*. Tradução Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2007
- KAFKA, Franz. *Narrativas do espólio*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras: 2002
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. Voltar. In: *O homem desenraizado*. Tradução Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 11-29.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosacnaify, 2012.